

E. LAPA CARNEIRO

TESTAMENTO
QUE FEZ
UM GALO



BARCELOS
1963



134.3-1.09

E. LAPA CARNEIRO

TESTAMENTO
QUE FEZ
UM GALO

Ao Ex^{mo} Sr. Luís Pedras,
com a simpatia de

E. Lapa Carneiro

Barcelos, 21/2/63

BARCELOS
1963

MUNICIPIO DE BARCELOS

BIBLIOTECA MUNICIPAL

N^o 68409 Term.

Barceliana

Publicado, sem notas e sem gravuras,
no «Jornal de Barcelos»
n.º 673, 14/2/63

A PILAR GARCÍA DE DIEGO
Do Centro de Estudos de Etnologia Peninsular
Madrid

7

Aqui deixo o meu papo
o meu maior celeiro
para o maior cavaleiro
guardar o dinheiro

8

Deixo a minha moela
tão rica e tão bela
prò gato mais lambareiro
que puder fugir com ela

9

Aqui deixo as minhas tripas
toda a minha em desmasta
prà mulher mais rabugenta
que houver nesta freguesia

De outras duas quadras consegui apenas recolher a ideia :
o galo deixava a crista ao melhor serrador, e as esporas ao me-
lhor cavaleiro.

*

Como se difundiu aqui o *testamento* ?

Eis o que, a tal respeito, pude averiguar : Uma das infor-
madoras aprendeu-o com a sua mãe, que costumava cantá-lo,
outra nas esfolhadas, e outra num *livro*. As pessoas idosas que
dele se recordavam, essas foram unânimes em que o *testamento*
se dizia nos *bailes*, espectáculos teatrais realizados pelo povo e
preenchidos com a representação de *pantominas* (4).

Ora o *livro* de que uma das mulheres falou (outros aludi-
ram a *papéis e documentos* que, emprestados, giravam de mão
em mão e de freguesia em freguesia) não devia ser nem mais
nem menos que um folheto de cordel, visto como foram vulga-
res os *testamentos do galo* impressos (5). Na Biblioteca Pública
Municipal do Porto encontrei, encadernados num pequenino
volume, exemplares de três edições (1839, 1846 e 1888) dum
mesmo *testamento do galo* (figs. 1, 2 e 3). Transcrevo a seguir
o texto da mais antiga (6), numerando as quadras para facilitar
as referências.



Fig. 1 — Frontispício da edição de 1839

Collecção de Contos Modernos

N.º 5

VERDADEIRO TESTAMENTO

QUE FEZ UM

GALLO



1888

55, Largo dos Loyos, 56

PORTO

Fig. 3 — Frontispício da edição de 1888

TESTAMENTO QUE FEZ UM GALLO.

1

Não haverá quem me console
Nesta tão triste sorte,
Esta noite se escreveo
A minha Sentença de morte.

2

Em nome da Benta hora
Acudão todos e venhão vêr,
O que faz um pobre Gallo
Quando está para morrer.

3

Já que estou em meu juizo
Testamento quero fazer,
Para meus bens deixar
A quem melhor me parecer.

4

Porém antes que se escrevão
As clausulas derradeiras,
Quero tambem despedir-me
Das amadas companheiras.

5

Gallinhas minhas amigas,
Com quem sempre acompanhei,
Vinde vêr, e vereis
O estado a que cheguei.

6

Estou tão atribulado
Nesta nossa despedida,
Que deixar-vos nesta hora
De certo me custa a vida.

7

Um conselho quero dar-vos,
E vos fallo bem sizudo,
Que fujais quanto puderes
Das festas do Entrudo.

8

E se a casa vos chamarem,
Pilla, pilla, vos disserem,
Não vades lá, que é engano,
Com que pilhar-vos querem.

9

Erguei-vos de madrugada,
E a caza não torneis
Ficai estes dias de fóra
Para a Quaresma vireis.

10

E se vires que ha doença
Vêde como andais,
Que tambem vos pilhão
Quando menos o cuidais.

11

D'aqui a sete semanas
Quando entrar o mez d'AbriL,
Eu já estou advinhando
Que morrereis mais de mil.

12

E aquellas que escaparem
Alegres passai os dias,
Retirai-vos quando puderdes
Das funcções de taes dias.

13

Affirmai-vos, vêde bem
Esta côr da minha crista
Parece-me que é a ultima vez
Que por cima lhe pondeis a vista.

14

De mim pena não tenhaes
Aos mais Gallos dai ouvidos,
Que assim fazem as mulheres
Quando lhe morrem os maridos

15

Em tudo quanto vos disser
Tomai sentido, e attento,
Que eu principio agora
A fazer meu Testamento.

16

Deixo a voz da garganta
Aos Gallos meus companheiros,
Para que cantem de noite
Em cima de seus poleiros.

17

Deixo mais a minha crista
Vermelhinha, e tão bella,
Ao Gato mais lambareiro,
Que pudér ficar com ella.

18

Deixo as pennas do pesçoço
De varias côres pintadas,
A's meninas desta terra
Para andarem enfeitadas.

19

Deixo as mais pennas do corpo,
Que são todas mais honestas
Para as Beatinhas da moda
Se enfeitarem pelas festas

20

Deixo as penas do rabo
Por serem as mais brilhantes,
Para as meninas solteiras
Darem aos seus amantes.

21

Deixo as unhas dos pés
Para as mulheres viúvas,
Se arranharem de noite
Quando lhe morderem as pulgas.

22

O bico que me hia esquecendo,
Deixo ao Gallo mais fraco,
Para quando armar bulhas
Fazer mais um buraco.

23

O figado, e moéla,
É minha vontade inteira,
Que os coma logo assados,
Quem fôr minha cosinheira.

24

O papo que toda a vida
Me servio de Celeiro,
Deixo ao homem honrado
Para a bolça do dinheiro.

25

Deixo o môlho das tripas,
E toda a mais demazia,
A' mulher mais rabujenta
Que houver na freguezia.

26

Ainda agora me lembrou,
E já me ia esquecendo,
Que das barbas não disponho
Mas deixá-las pertendo.

27

Eu as deixo de boa vontade,
Vermelhinhas e tão bellas,
A'quelles mais desbarbados,
Que se quizerem servir dellas.

28

E os mais movels da casa,
Deixo ao meu testamenteiro,
Que no meu fallecimento
Fique dono do poleiro.

29

Deixo por uma só vez,
Que este meu corpo defunto
Nas exequias se lhe junte
Boa porção de presunto.

30

Deixo por advertencia
Aos mais Gallos machacazes,
Que se desviem de ser vizinhos
Da escola dos Rapazes.

31

E se acaso desprezarem
O conselho que lhe dou,
Daqui, a vinte annos se verá,
No estado em que agora estou.

32

Deixo, que o meu enterro
Se faça com todo o carinho,
O que ha de gastar em lér
O gastem antes em vinho.

33

Deixo que todo o estudante,
Que andar nesta lição,
Dê um Gallo como eu,
Que morra nesta funcção,

34

E se um Gallo não derem,
Dêem um bom Coelho,
E nenhum seja tão nescio
Que despreze o meu conselho.

35

Agora torno a lembrar-me,
E já ia sendo erro,
Não nomear sepultura
No lugar do meu enterro.

36

Deixo, e he minha vontade
Seja a minha sepultura,
Dentro nos corpos humanos,
Que é melhor, que na terra dura.

37

Aos mais Gallos que morrerem
Peço a todos em geral,
Que não fação testamento,
Que este para todos vale.

38

E vós meus estudantinhos,
Já que assim o quereis,
Degolai-me bem depressa
Que é favor que me fazeis.

FIM

Nas edições de 1846 e 1888 notam-se, em relação a esta, algumas diferenças, que na de 1846 têm menos importância pois, postas as gralhas de parte, quase só dizem respeito à ortografia e à pontuação. Na de 1888, porém, são não só abundantes, como traduzem o propósito de aperfeiçoar a sintaxe e a métrica.

Devo registrar aqui as quadras que foram acrescentadas nesta última edição:

A abrir:

Eis aqui o testamento
Que fez elegante Gallo,

Quando tinha no pescoço
Aguda faca para matal-o.

Entre as n.^{os} 21 e 22:

Deixo as minhas pernas,
Por serem côr amarella,

P'ra todos os cães tomarem
Uma granda atacadella.

E remata com mais os seguintes versos, cujo papel julgo ser exactamente o de encher papel:

Todo o pae que tiver filhas
E dote para lhes dar,
Metta-as todas n'um convento,
Ou trate de as casar.

As mulheres enquanto solteiras
Todas são muito briosas,
Umás bellas tecedeiras
Outras nada preguiçosas.

Agora por nossos pecados
Estamos vendo a cada canto,
Que todo o pae que tiver filhas
Logó se lhe faz o cabelo branco.

Mas apenas são casadas,
Todas tem nariz torcido,
Mas a lingua sempre prompta
P'ra responder ao marido. (7)

Do confronto entre as quadras que recolhi e o testamento que acabo de transcrever ressalta um evidente parentesco, ape-

sar de não haver no livro quadras correspondentes às n.ºs 1 e 5 da minha recolha. Podíamos architectar várias hipóteses para explicar essa relação, e ela sugere até um problema a meu ver interessante: O testamento dos folhetos não teria sido, antes de pela primeira vez divulgado em letra de forma, coligido da tradição oral? Em qualquer caso, é certo:

1) Que os folhetos de cordel com testamentos do galo tiveram larga difusão nesta região. Daí que muitas pessoas me tenham falado de livros, papéis e documentos.

2) Que é manifesta a antiguidade das quadras que recolhi, de algumas pelo menos. Basta considerar as que se referem à rainha e às penas de escrever.

3) Que a recitação do testamento do galo era número muito frequente e apreciado nas esfolhadas e nos bailes, particularmente nos bailes de Entrudo. Notar a alusão ao Entrudo na quadra n.º 7 do folheto de cordel.

*

Não será talvez descabida a comparação, embora limitada a certos aspectos, com os testamentos do galo que Pilar García de Diego incluiu no seu estudo *El testamento en la tradición* (8).

Vejamos primeiro um que foi publicado em Valhadolid (1896?) e que, por algumas suas particularidades, Pilar G. de Diego admite tratar-se de uma versão já conhecida no princípio do séc. XVII (9).

Desde a chamada do escrivão até à assinatura das testemunhas, todo ele é de urdidura mais perfeita. A descrição dos legados compõe-se de duas partes: na primeira o galo moribundo distribui dinheiro, bens móveis e imóveis (hortas, vinhas, colchões, arcas, castelos, casas, etc.) e ainda uma carta de alforria aos seus 500 escravos, designando os herdeiros pelos próprios nomes; na segunda distribui, além da voz, do aroma (possivelmente do que terá depois de cozinhado) e do leite, as diversas partes do seu corpo, mencionando os legatários de modo gené-

rico (doentes, velhos desdentados, mulheres de língua comprida, violeiros, etc.).

Falta no testamento português (ou testamentos?) o correspondente à primeira parte deste, pois naquele, como vimos, fora o poleiro, o galo apenas dispõe do seu corpo, e a nomeação dos herdeiros é genérica (beatinhas da moda, desbarbados, etc.). Em dois pormenores há, porém, coincidências que me parecem dignas de nota:

A ideia da quadra n.º 37 está presente no testamento de Valhadolid: «... es de saber / que el estilo he de tener / que tuvieron mis abuelos.»

As penas das asas têm destino igual ao que lhes confere a quadra n.º 5 da minha recolha: «... las plumas de mis alas / les mando a los escribientes.» (O mesmo acontece nuns restos de testamento que fazem parte de uma cantiga integrada nas corridas do galo em Prádanos de Bureba) (10).

O outro testamento (11), em galego, é, como diz Pilar G. de Diego, «de sumo interés... revelador de la enorme vitalidad de estas ceremonias que perviven a través de los tiempos». O seu autor é de Plas-Mondariz (Pontevedra), onde foi lido publicamente em 23/2/930.

Abre com prosa do notário, e esta introdução, que arremeda a dum verdadeiro testamento, é já toda ela um encadeamento de efeitos burlescos. Entra depois o galo a falar, começando por descrever o que viu num passeio que fez pela paróquia a fim de se despedir dos amigos. Simples pretexto para pôr a nu os vícios e pecados de todos os vizinhos. Cansado da caminhada, passa então a distribuir o seu corpo (de certo modo, também pertencem ao corpo o último suspiro, o pensamento e as lágrimas) pela gente solteira da povoação, e, ao mesmo tempo, dirige a cada um dos legatários uma alusão satírica ao facto ou factos mais salientes da sua vida, sobretudo no que se refere ao amor. Tal como na primeira parte do de Valhadolid, são designados os herdeiros pelos nomes, característica esta talvez indispensável para podermos integrar os testamentos nas formas da vindicta popular (12); e há nele uma liberdade de linguagem

que, do mesmo modo, se me afigura reveladora da sua autenticidade funcional. Vemos, através do esquema traçado, que também este testamento é de mais rica estrutura que o nosso.

Coincidências merecedoras de registo:

O molho das tripas, que na quadra n.º 25 vai, por acinte, endereçado « à mulher mais rabugenta da freguesia », não é esquecido: « A José Carreira, / conhecido por Chipino, / vai levar as tripas / pra Elvira de Ceferino. / E inda pode guardar algo / pra outra novia Olimpa, / porque resulta ser comida / de molto gusto e limpa. »

O papo mantém-se como símbolo de cofre (derivado do de celeiro): « A Pepiño da Xiada, / Adelina deulle un retrato, / e pra que o poida guardar, / boulle deixar o papo. »

Em todos os testamentos considerados o galo mostra saber o destino que o espera após o sacrifício e, com excepção dos fragmentos que recolhi da tradição oral, preceitua, mais ou menos miudamente, a maneira como há-de ser cozinhado e comido (13).

*

Voltemos a Santa Maria de Galegos, para terminar.

Sendo relativamente abundantes na bibliografia etnográfica portuguesa as referências a corridas de galos e outros divertimentos congéneres (14), procurei lá descobrir quem deles se lembrasse. « Só conheço em barro os garnisés à bulha », disse-me uma mulher. Falava da peça (fig. 4) também chamada, pelos próprios que a fabricam, galos à briga ou galos de briga.

No rol que apresenta, Rocha Peixoto (15) não na recenseia, mas por aí não podemos concluir que ela seja de criação recente. Seguramente que o erudito investigador não viu tudo. A este respeito, interroguei, em Galegos, alguns velhos bonequeiros: quando começaram, nos verdes anos, a modelar já se faziam galos de briga.

Não representará esta peça uma sobrevivência plástica de autênticas lutas de galos? Que tal espectáculo, pela violência

que o caracteriza ou pelo valor simbólico de que se reveste, tem sido, desde muito longe até aos nossos dias, tema da Arte (fig. 5) (16). Juan Antonio Gaya Nuño, num artigo intitulado *Toros y Gallos en la Escultura Popular de la Península* (17), diz a certa altura: «En estos bichos reñidores y peleones, de lucha perfectamente reglamentada en el circo de gallos o gallera y en la plaza de toros, el peninsular continúa un rendimiento de homenaje a especies bravas y viriles, y el homenaje consiste en



Fig. 4— Os humildes barristas de Galegos (Barcelos), por meio do molde, actualmente fabricam em série os «galos de briga». Altura da peça: 0,10 m.

hacerlos señores de su plástica más intuitiva. Andamos cerca de una zoolatría de considerable primitivismo y de oscuros caracteres. . . »

De aqui teremos de partir, a meu juízo, se quisermos, com algum fundamento, explicar o decantado galo de Barcelos. Margarida Ribeiro (18), com a prudência que nestas coisas sempre

cumprir observar, admite a sua ligação com o culto de Esculápio. Mas, visto que são largas tais matérias e, como diria D. Francisco Manuel de Melo, «pedem todo um eirado cheio de sol», noutra ocasião as abordaremos.

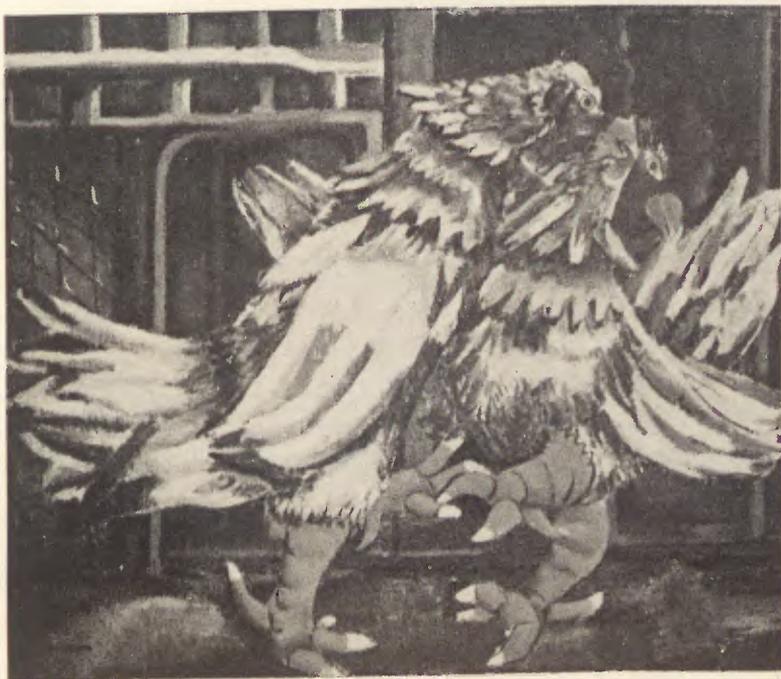


Fig. 5 — O cubano Mariano Rodriguez é um dos artistas contemporâneos que não resistiram ao fascínio do tema: « O Combate dos Galos »

N O T A S

(1) As n.^{as} 8 e 9.

(2) Nas duas ou três feiras antes da Páscoa, aparecem em Barcelos, a vender o *testamento do Judas*, homens da Póvoa de Varzim (fig. 6), e, segundo me disseram, por vezes, também outros do Porto. Falaram-me ainda num *testamento* que há muitos anos fizeram os chôferes da praça de Barcelos.

Sobre os *testamentos do Judas* editados na Póvoa posso acrescentar que constituem aí uma velha tradição. Já antes de 1926, ano em que o grupo do periódico local *O Clarão* escreveu e publicou um *testamento do Judas* com intenções políticas, que provocou no meio um certo escândalo, — já antes de 1926 aí saía à luz, todos os anos, um *testamento* de feitura popular. Celebriu-se, como autor, o engraxador Baptista. Após a sua morte, o filho e os netos seguiram-lhe as peguadas e hoje têm mesmo um concorrente: António Fernandes.

Nesses *testamentos* os legatários são escolhidos entre os habitantes de diferentes localidades (Matosinhos, Braga, Famalicão, etc.) — expediente por meio do qual os autores angariam mais uns cobres, pois aumentam assim o número de compradores da folha. Não estará mesmo excluído de alguns o propósito publicitário, que me parece lícito deduzir do grande número de casas comerciais citadas e aconselhadas. Esta prática de resto estende-se aos *testamentos* feitos noutras localidades (p. e.: Guimarães).

Tenho, na minha colecção, um curioso *testamento* (*O Judas Tripeiro*, editor J. A. Caraça, Porto, preço 30 réis), sem data, mas que presumo ser do princípio do século, o qual não só visa pessoas cultas e quiçá elegantes da cidade do Porto, como, nitidamente, foi feito por indivíduo ou indivíduos ligados às boas rodas burguesas. Por este exemplo e pelo do grupo de *O Clarão*, cuido poder-se concluir que também entre literatos foi costume escrever *testamentos*.

(3) Informadoras: Glória Lopes, Maria de Lurdes da Silva Ferreira e Maria da Glória Sambentos (S.^{ta} Maria de Galegos), e « tia Laurinda do tio Herculano da Vilarinha » (Manhente).

Os dísticos que seguem foram-me dados com a advertência de não ser certo que pertencessem ao *testamento*:

Já me davam pelas unhas
cento e meio de cunhas
Já me davam pelo pescoço

um rapaz de belo gosto
Já me davam pelo bico
a renda do arcebispo



Fig. 6 — Na feira de Barcelos em 19/4/62. O toque da campainha sobressai no meio da algazarra, os «farrapos modificados» dão nas vistas, e o pregão é tentador: «cá está o testamento do Judas! É um encher de rir por duas croas!» Fotografia do autor.

De facto fazem parte dos versos intitulados *A minha galinha pinta*, de que J. Leite de Vasconcelos (*Tradições Populares de Portugal*, Porto, 1882, p. 152) publica uma versão colhida no concelho de Penafiel.

Dada a maneira como obtive a colecção, é evidente que a ordem por que estão dispostas as quadras me pertence.

(4) Em Midões, Adelino Gonçalves Lopes (agulheiro reformado, pai da Glória Lopes citada na nota 3) relatou-me um *baile* a que assistiu, há mais de cinquenta anos, primeiro em Manhente, e depois em Midões, onde foi repetido.

Constava da representação de *pantomimas*.

O *testamento do galo* era dito por um tal Sapateiro (apelido), de Manhente, que se apresentava vestido com uns *farrapos modificados*.

Vinha depois a história de um homem que tinha matado o porco. Aparecia um outro *a cavalo num burro*, com um *missal* debaixo do braço, que ia cobrar os direitos. Os da casa, então, *fizeram uma arrelia*, como quem ia bater no cobrador de impostos, dizendo que não se matara porco nenhum, etc..

Representava-se a seguir um *casamento de velhos*.

E, para rematar, havia *contradança*, ao som de concertina, que o irmão do tio Adelino tocava.

Não sendo capaz de acrescentar mais pormenores, disse-me o velho ferroviário: «Eu era rude, se fosse fino...» Na realidade, porém, à sua cansada memória se deve a brevidade da descrição.

O tio Herculano da Vilarinha, de Manhente, assistiu também aos *bailes de Entrudo*, mas não se lembra do *testamento do galo*. Recorda-se, sim, das pantomimas *Lucrecia e Mulher Tonta*.

Soube, já depois de redigidas estas notas, que em Manhente ainda se fazem os *bailes de Entrudo*, e que a *Lucrecia* é uma, senão a única, pantomina do repertório. Consegui mesmo haver às mãos um *livro*, que por sinal é um caderno manuscrito, com o *Drama da velha louca*, seu verdadeiro nome. Com excepção do *testamento do galo*, talvez as cenas que me contou Adelino Gonçalves Gomes sejam episódios da *Velha Louca*. Não obstante o texto apresentar sinais que o identificam como cópia de um folheto editado no Porto, cuido-o digno de publicação. Entre a literatura de cordel que folhee na Biblioteca Pública Municipal do Porto não me lembro de ter visto tal *drama*, e no catálogo da colecção de Albino Forjaz de Sampaio (*Teatro de Cordel*, Lx.^a, 1922) não vem.

*

Baile designa, pelo que até aqui tenho escrito, a representação ou a peça representada. Com tal significado, não registam os dicionaristas a palavra, e, todavia, não esquecem *baile pastoril*. Com esse valor, o termo emprega-se ainda correntemente no concelho de Barcelos.

Silvestre de Encoirados (*Reisadas*, in *Boletim do Grémio do Comércio do Concelho de Barcelos*, n.º 24, Janeiro a Março de 1962, pp. 22-24):

« Os Bailes do Entrudo e dos Reis são o único teatro do povo e para o povo da região. »

Viriato Barbosa (*A Póvoa de Varzim, Ensaio da História desta Vila*, 1937, p. 134), falando das representações públicas que, por ocasião das festividades do Sacramento, da Senhora das Dores, do Natal e da Quaresma, se realizavam na Póvoa, aí pelos anos de 1850-1851, cita o *Baile dos Maltezes*, o *dos Pastores* e o *do Natal* entre os autos que ali subiam à cena.

No vocabulário que Fernanda de Matos Cunha (*Notas etnográficas sobre Barcelos*, Porto, 1932, p. 67) recolheu em Arcozelo e freguesias limítrofes, aparece a expressão *bailes velhos* significando *questões, alterações*. Salvo melhor opinião, tal significado resulta:á do facto de serem as pantomimas férteis em zaragatas e bulhas, como meio fácil de provocar hilaridade. Diz Maria Peregrina de Sousa (*Tradições Populares do Minho — Carta 4.^a, 23/12/1844 —*, in *Revista Lusitana*, vol. VI, Lx.^a, 1900, p. 137), referindo-se aos divertimentos populares nas aldeias ao redor do Porto: « Representam em uma tarde cinco ou seis comédias, com quatro ou cinco pessoas; falam nas suas terras, nos seus costumes, em pessoas conhecidas às vezes, em bruxas, e acabam sempre à pancada. »

Também na gíria brasileira, se diz *dar um baile* no sentido de *agressão verbal pública* (Luís da Câmara Cascudo, *Dicionário do Folclore Brasileiro*, 2.^a ed., Rio de Janeiro, 1962, p. 87).

(5) J. Leite de Vasconcelos (*Tradições Populares de Portugal*, Porto, 1882, p. 150) disse deixou notícia: « A respeito de quando matam um galo, há na nossa *literatura de cordel* vários livrinhos com o *testamento do galo*. » De igual modo em Espanha: « El *Testamento del gallo*, citado, según hemos visto, por Rodrigo Caro, como diversión de su tiempo, y murió el 10 de agosto de 1648, se difundió en múltiples ediciones... » (Pilar García de Diego, *El testamento en la tradición*, in *Revista de Dialectología y Tradiciones Populares*, t. IX, Madrid, 1953, p. 627).

(6) Impressa na Typographia de Vasconcellos, Rua da Picaria, n.º 5 — Porto.

A loja de livros de Sebastião José Ferreira, onde, como se vê na fig. 2, se vendia o *testamento* de 1846, transformou-se depois em tipografia e editora de folhetos de cordel. Fernando de C. Pires de Lima, no estudo *Literatura de Cordel* (in *A Arte Popular em Portugal*, vol. II, pp. 257-277), reproduz frontispícios de quatro folhetos impressos nessa casa, sendo um deles o *Sabio testamento do boi, e a historia da sua vida*.

Na p. 3 do folheto de 1888 lê-se; *Verdadero testamento que fez um gallo, nos últimos momentos da sua vida, pelo tabellião Gaudencio da Cruz*. Por baixo do nome do tabelião, à mão e a lápis: C. C. Branco. Quem teria registado ali o nome do romancista, e com que intuito ?

Cardoso Marta, citado por F. C. Pires de Lima (*ob. cit.*, p. 276), informa haver Camilo escrito um folheto de cordel a propósito de um crime

que apaixonou a opinião pública. Conforme se pode ver na *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, esse livrinho (*Maria! não me mates que sou tua mãe!*) já está incorporado na Camiliana.

Na p. 14 da edição de 1888 vêm anunciados, entre outros folhetos, os *testamentos* duma cabra, dum coelho, dum carneiro, dum gato, duma fina raposa (caída na ratoeira), dum boi (ditado à porta do matadouro) e dum cão (feito por ele nas agonias da morte, envenenado por um polícia).

(7) Visto serem numerosas as diferenças, anotarei só mais algumas, para dar ideia do seu carácter :

Na quadra n.º 5, 3.º verso : *comprehendereis* em vez de *vereis* ;

» » » 12, 4.º » *folias* em vez de *dias* ;

» » » 13, 3.º » *Talvez seja* em vez de *Parece-me que é* ;

» » » 24, 2.º » *bom Celeiro* em vez de *Celeiro* ;

» » » 25, 1.º » *miolo* em vez de *môlho* ;

» » » 32, 2.º » *Seja feito com* em vez de *Se faça com todo o*.

(8) In *Revista de Dialectologia y Tradiciones Populares*, t. IX, 1953, pp. 601-666, e t. X, 1954, pp. 400-471. Neste imprescindível estudo, Pilar G. de Diego apresenta, além de grande cópia de informações, uma tese aliciante sobre a origem dos *testamentos*. Câmara Cascudo (*ob. cit.*, p. 735) sugere uma proveniência diferente da que propõe P. G. de Diego, mas nela cabem, se bem vejo, apenas os *testamentos* de animais.

(9) RDTP, t. IX, 1953, pp. 623-628.

(10) RDTP, t. IX, 1953, p. 631.

(11) RDTP, t. X, 1954, pp. 458-466.

(12) Vd. Ernesto Veiga de Oliveira, *Formas Fundamentais da Vindicta Popular em Portugal*, in suplemento *Cultura e Arte de O Comércio do Porto*, 10/3/959, 22/12/59 e 8/3/60. Este autor considera as *assuadas*, as *pulhas* e os *testamentos* (por ordem decrescente de agressividade) como categorias fundamentais da vindicta popular «...que definimos, em termos gerais, como manifestações de censura, troça, protesto, crítica ou represália, sob o aspecto de sátiras colectivas, em actos ou palavras, contra atitudes que traduzem forças ou princípios de desagregação moral ou social do grupo, ou como maneiras de sublinhar determinados acontecimentos que constituem inovações mais ou menos frustradas ou excepções à rotina do seu viver típico...» (22/12/59).

Ora os *testamentos* que não mencionam os nomes dos legatários só muito atenuadamente atingirão tal fim, e, se o atingem, é apenas na medida em que qualquer sátira desligada de personagens concretos pode ter acção moralizadora. Do ponto de vista comercial, os *testamentos* que visam herdeiros genéricos, dum modo geral, têm garantido um maior sucesso, pois se por um lado não envelhecem, por outro são susceptíveis de uma muito maior expansão.

É claro que E. Veiga de Oliveira se refere unicamente a uma das duas classes de *testamentos* consideradas por Pilar G. de Diego (*ob. cit.*, RDTP, t. IX, p. 603): os burlescos.

(13) Quer no *testamento* de Valhadolid, quer no de Pontevedra, cita-se um português. No primeiro: «...le mando a Juan Merino / y a Gonzalo el Portugués / veinte y dos cubas de vino.» No segundo: « A Raúl o Portugués, / que tem xenio e mala cara, / bouille deixar as guelas / pra que se entenda con Sara. / E rapás axuciado / con bastante veleta, / cando leva bastón torto / e carabel na chaqueta. »

(14) *Vide* :

a) Maria Peregrina de Sousa, *Tradições Populares do Minho, Carta 4.ª* (23/12/1844), in *Revista Lusitana*, vol. VI, Lx.ª, 1900, pp. 136-137: Descreve o *galo às cegas* e o *galo na corda*, divertimentos que se realizavam nas aldeias ao redor do Porto.

b) *Almanach de Lembranças*, para 1878, p. 130, citado por Teófilo Braga, *O Povo Portuguez nos Seus Costumes, Crenças e Tradições*, vol. II, Lx.ª, 1885, p. 260: Nas festas de Além do Côa havia corrida do galo.

c) Carlos A. Monteiro do Amaral, *Tradições Populares de Atalaia*, in *Revista Lusitana*, vol. XII, Lx.ª, 1909, p. 292: Descreve a corrida do galo, tal como se fazia na festa de Santo António ou festa dos moços, em Atalaia, no ano de 1875.

d) Jorge Dias, *Rio de Onor, Comunitarismo Agro-Pastoril*, Porto, 1953, p. 344: « O galo parece ter qualquer relação simbólica com o Entrudo, pois além de ser prato obrigatório [em Rio de Onor] constitui também, nesse dia, um dos principais centros de atracção, sob a forma de tiro ao galo. » Explica a seguir em que consiste este divertimento.

Diz Pilar G. de Diego (*ob. cit.*, RDTP, t. IX, p. 608): « En las « fiestas » o « corridas de gallos », practicadas aún en la mayoría de nuestros pueblos, el *testamento* forma también parte del sacrificio del gallo, y es cantado, en el momento de la inmolación, por la doncella o el mozo que le da muerte. » Limitando-se à região de Burgos, cita depois abundantes exemplos de « restos de estas ceremonias sagradas » (pp. 628-634).

(15) Rocha Peixoto, *As Olarias do Prado*, in *Portugália*, t. I, 1899-1903, pp. 227-270.

(16) *Vd.*, p. e.: Ésquilo, *Oréstia*, Braga, 1948, p. 200; e Plutarco, *Licurgo*, Lx.ª, pp. 55-56. Sobre a origem das brigas de galos e sua difusão ver Câmara Cascudo, *ob. cit.*, p. 340. Aí nos assegura este folclorista que o Brasil foi um centro entusiástico de tal divertimento. Celso de Magalhães, num artigo incluído na *Antologia do Folclore Brasileiro* (2.ª ed., S. Paulo, 1956, pp. 271-275), organizada por Câmara Cascudo, refere-se à importância da briga de galos no Recife do terceiro quartel do séc. XIX.

(17) In *Colóquio*, n.º 7, Fevereiro de 1960, pp. 12-17.

(18) *Cerâmica Popular de Nisa*, separata da RDTP, Madrid, 1961, p. 15.



Fig. 7 — Gravura que ilustra o « Testamento de Judas Escariote », editado por António Fernandes,
Póvoa de Varzim, 1961



Fig. 8 — Gravura dos « Testamentos do Judas » de que é autor o editor Ângelo Baptista. Ambas estas xilógravuras foram aqui impressas com os facos originais



COMPOSTO E IMPRESSO NA
Tipografia VITÓRIA — Barcelos

biblioteca
municipal
barcelos



68409

Testamento que fez um galeo